

# Brasil insistirá em pagar os bancos credores pela Libor

18 ABR 1986

por Cesar Borges  
de Brasília

O esforço que o governo brasileiro vai desenvolver perante os bancos credores, no sentido de reduzir as transferências maciças de recursos ao exterior para pagamento de juros, já tem ponto de partida: as autoridades do Banco Central (BC), após a conclusão das negociações com o Clube de Paris, reiniciam os contratos com os credores privados insistindo na tese de que o pagamento dos juros da dívida global deverá ser feito com base na taxa interbancária de Londres "Libor" e não na "prime rate" americana.

No último acordo firmado entre os negociadores

brasileiros e os credores externos, os bancos aceitaram a redução do "spread" e que a mudança da taxa referencial de juros para o pagamento dessas amortizações fosse realizada com o pagamento dos juros em libor, a taxa interbancária de Londres para repasse de empréstimo em dólar por seis meses. Mas esse esquema será válido apenas para os anos de 1985 e 1986.

Dados divulgados no último informativo mensal do Banco Central revelam que, entre março e junho do ano passado — os últimos dados disponíveis sobre o assunto —, a taxa preferencial americana "prime rate" passou a corresponder com 22,2% do total da dívida externa registra-

da, diante de 15,9% até março de 1985.

De acordo com a explicação do secretário especial para assuntos econômicos da Seplan, Paulo Nogueira Baptista Júnior, esse movimento ocorreu porque, nos contratos acertados na fase 2 de renegociação da dívida externa os bancos incluíram uma cláusula permitindo que em determinadas situações eles poderiam optar pela taxa de referência. Isso ocorria todas as vezes que os recursos relativos ao pagamento de compromissos com os bancos eram depositados no BC.

## CLÁUSULA

"Caso não houvesse essa cláusula", considera o técnico, "a transferência de recursos ao exterior teria sido bem mais reduzida". Como no primeiro ano de governo da "Nova República" o governo apenas prorrogou os termos da negociação anterior, é possível que a participação da "prime" tenha aumentado.

O técnico alinha outro dado para enfatizar a reivindicação no sentido de que a dívida seja paga em "Libor". Um levantamento feito por Nogueira Baptista sobre o comportamento da prime rate nos últimos sessenta anos até 1980, revela que de 1920 até 1980 a taxa

de referência norte-americana esteve 1% acima da inflação. Hoje, para uma inflação de 3,5%, a taxa está em 9%. "Uma taxa de juros razoável deveria ser em torno de 4,5% a 5%, pelo menos quatro pontos abaixo da atual", considerou.

DÍVIDA EXTERNA DE MÉDIO E LONGO PRAZO

Posição em junho 85	US\$ milhões	Taxa: Participação
Taxas Flutuantes	70.509	78,5
Prime (Total)	20.136	22,2
Nova York	17.980	19,8
Outras	2.156	2,4
Libor	46.058	50,8
FMI	1.247	1,4
BIRD	1.106	1,2
BID	151	0,2
Outras	1.811	2,0
Taxas Fixas	20.201	22,2
FMI	2.576	2,8
BIRD	3.192	3,5
BID	1.444	1,6
Outras	12.989	14,3
Total	90.710	100,0

Fonte: Banco Central